

seria mesmo aprender-se as línguas originais das obras literárias para se poder ler o original.

- Hoje fala-se muito em escrita feminina e escrita masculina. Será que se pode dizer que a tradução tem género?

F.L.: Se o género do tradutor influi na maneira de traduzir é um terreno muito vago. Pessoalmente, acho as minhas traduções bastante femininas.

- La traduzione latina dei poemi omerici ad opera degli umanisti italiani del Rinascimento ebbe importanza fondamentale per la loro diffusione in epoca moderna. Crede che oggi i classici possano avere lo stesso impatto? Che ruolo hanno oggi, secondo lei, le nuove edizioni dei classici latini e greci?

F.L.: A tradução da *Iliada* e da *Odisseia*, de Leôncio Pilato, é muito mais prosaica do que a minha tradução dessas obras. Em Portugal, no século XVII, Homero ainda era lido a partir da tradução de Lorenzo Valla. Talvez em Portugal, nesta altura, haja que apostar mais na tradução de autores mais antigos. No entanto, há certos textos de que não vale a pena fazer novas traduções, por já existirem versões muito boas. É o caso da *Ifigénia na Táurida*, de Goethe, por ser uma tradução muito rigorosa de João Barrento.

ALEXANDRA CALDEIRA

ALESSANDRA BUGGIO

ANNA LOUISA KARSCH, A SAFO ALEMÃ O DOM DAS MUSAS E OS PARADIGMAS DA REALIDADE (I)

«Hei-de morrer, um dia! Mas a minha canção não irá comigo para o túmulo!»
(«Einst sterbe ich! Doch mein Lied geht nicht zum Grabe mit!»)¹

Anna Louisa Karch

Anna Louisa Karch nasceu a 1 de Dezembro de 1722, em Züllichau, na Baixa Silésia, na actual Polónia, no seio de uma família de estalajadeiros. Aos seis anos, após a morte do pai, de nome Dürbach, a mãe enviou-a para junto de um parente em Tirschtiegel, que a ensinou a ler, a escrever e lhe ensinou os fundamentos do latim. Em 1728, a mãe, de novo casada, foi buscá-la para trabalhar em casa, como criada da nova família, então constituída. Anna Louisa trabalhava para o seu padrasto e para os irmãos entretanto nascidos, tratando também do gado da casa. Aos dez anos, conheceu um pastor que lhe arranjava livros que tinha que esconder cuidadosamente do seu padrasto, a quem não agradava o seu gosto pela leitura.

Em 1738, com dezasseis anos, casou com Michael Hirsekorn, um fabricante de tecidos, do qual teve quatro filhos, dois dos quais sobreviveram. Foi por essa altura que escreveu os primeiros poemas. As características da sua poesia logo se evidenciaram, sobretudo a sua notável capacidade de improvisar. A sua escrita, maioritariamente de ocasião, manifestava o gosto pelos clássicos e grande sensibilidade pela natureza. Na literatura encontrava o refúgio para a sua vida infeliz. A sua poesia não teve qualquer compreensão ou aceitação, por parte do marido que a deixou, em 1749, alegando negligência nos trabalhos domésticos, tendo-a enviado para a casa da mãe, sem qualquer sustento.

Salvo referência em contrário, as traduções do alemão são de nossa autoria.

¹ Verso final do poema «O Musgo de Harz» «Das Harz-Moos», apud Helen Watanabe-O'Kelly, *História da Literatura Alemã (The Cambridge History of German Literature)*, tradução de José António Capoulas de Avó, Editorial Verbo, Lisboa, p. 229.

Quatro anos mais tarde, casou com o alfaiate polaco Daniel Karsch de Fraustadt, do qual teve mais três filhos, um dos quais uma rapariga, Caroline Louise, mais tarde von Klencke. O casamento foi de novo infeliz, pois Karsch, o marido, era um alcoólico. Na vida dura que levava, enquanto educava os filhos, escrevia poesia para festejos familiares. Os seus poemas foram-se tornando conhecidos, na vizinha Silésia. Após a mudança da família para Glogau, em 1755, a talentosa poetisa, cada vez mais conhecida, escreveu inúmeros poemas, em ocasiões familiares. Os primeiros poemas foram impressos em folhas soltas, mas os hinos de louvor que escreveu para Frederico II da Prússia, após a eclosão da Guerra dos Sete Anos, espalharam-se largamente, em folhetos de propaganda política, tendo a sua fama chegado a Berlim. Através de oficiais amigos, Anna Louisa conseguiu divorciar-se do marido violento, que entretanto fora convocado para se alistar no exército.

Em 1761, o Barão Rudolf Gotthard von Kottwitz (1707–1765) trouxe-a para Berlim, cujos salões literários passou a frequentar e onde passou a ser conhecida como a Karschin, tendo granjeado apoio e admiração por parte dos poetas Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), Johann Georg Sulzer (1720–1779), Karl Wilhelm Ramler (1725–1798), e por parte do filósofo, Moses Mendelssohn (1729-1786), que a considerou um «génio invulgar» («ungemeines Genie»).

O poeta Johann Wilhelm Ludwig Gleim (1719-1803) que foi seu mentor, definiu-a como a Safo alemã e preparou-lhe uma festiva coroação poética em Halberstadt.

A designação de Anna Louisa Karsch como Safo alemã por Ludwig Gleim era o maior elogio que se podia fazer a uma mulher, em termos de talento e capacidade poética. Desta forma, Gleim participou na longa tradição honorística com a qual eram designadas as mulheres talentosas e cultas que cultivavam a poesia, que alcançavam o reconhecimento do público, tal como acontecia em França e Inglaterra².

É de notar que esta designação não possuía qualquer conotação homoerótica, no século XVIII. A imagem de Safo como amante trágica de Fáon, jovem atleta que não lhe correspondeu e a levou a precipitar-se do rochedo de Lêucade, era a imagem que dominava a imaginação dos intelectuais do século XVIII. Na base desta imagem está a epístola 15 “Safo a

² Elisabeth Borchers, *Gedichte Berühmter Frauen, Von Hildegard von Bingen bis Ingeborg Bachmann, Autoren und Quellenhinweise, Anna Louisa Karsch*, Insel Taschenbuch, Insel Verlag, Frankfurt am Main, 1987, p.284.

Fáon”, das *Heroides* de Ovídio, tida, durante muito tempo, como um texto autêntico de Safo. Pensava-se que este episódio, tido por verdadeiro, traria alguma luz sobre a biografia da poetisa, entre as histórias confusas e escandalosas que abundavam, desde a Antiguidade, transmitidas por enciclopédias, por traduções, por comentários de índole intertextual ou por puras ficções.

A designação como Safo alemã por parte de Gleim teve um impacto muito positivo na recepção da sua poesia, no seu tempo e nas épocas posteriores³.

Até 1762, Anna Louisa Karsch teve patrocinadores em Halbstadt e em Magdeburg, frequentou a corte prussiana da rainha Elisabeth Christine von Braunschweig-Bevern (1715–1795), em Magdeburg, e manteve contacto estreito com o Duque Ferdinand von Braunschweig-Lüneburg (1721–1792) e com o Conde Heinrich Ernst zu Stilberg-Wernirode (1716–1778). Escreveu cantatas para a princesa Amália da Prússia (1723–1787).

Após o seu regresso a Berlim teve que se auto-financiar de novo, tendo passado por momentos de grande necessidade. Por esta altura, Daniel Chodowiecki apoiou-a, com a criação de miniaturas, que a sua poesia completava. Em 1763, Frederico II concedeu-lhe uma audiência. Este, após uma longa conversa sobre poesia, prometeu-lhe uma casa e uma pensão estatal, só que os cofres do estado se encontravam vazios, por causa da guerra.

Em 1764, Gleim e Schulze publicaram o seu primeiro livro de poemas “Auserlesene Gedichte” (“Poemas Escolhidos”), cuja venda lhe trouxe algum rendimento. Sobre este assunto Gleim comentou que Karsch, sendo mulher, recebeu pela venda da antologia o que, até então, nenhum colega masculino se podia gabar.

Só em 1778, Frederico Guilherme II cumpriu a antiga promessa do seu pai e lhe ofereceu uma casa nas novas avenidas de Berlim.

Goethe visitou-a, em 1778, durante uma das suas estadas em Berlim, tendo ambos mantido correspondência. Goethe apreciava a sua poesia, Herder elogiava a sua bela e elevada sensibilidade à natureza. Anna Louisa designava-se a si própria, de forma bastante moderna, como fazedora de canções (*Liedermacherin*), considerava-se uma espécie de artesã da poesia. A sua poesia começou por se situar entre a poesia de ocasião e a poesia

³ Clair Baldwin, Colgate University, *Anna Louisa Karsch as Sappho*, <http://www.womeningerman.org/conference/2002/Karsch.html>.

vivencial. Na fase de maturidade, escreveu fábulas, epigramas, idílios, odes e baladas. Esta autodidacta, de origem humilde, foi a primeira mulher, na Alemanha, que se conseguiu sustentar, através da escrita⁴.

Após a sua morte, em 10 de Outubro de 1791, foi sepultada na Sophienkirche, em Berlim. No seu túmulo, lê-se a seguinte inscrição:

«Hier ruht
Anna Louisa Karschin
geborne Dürbach.
Kennst du, Wanderer, sie nicht,
So gehe und lerne sie kennen.»

(«Aqui repousa
Anna Louisa Karschin,
nascida Dürbach.
Não a conheces, viandante,
Então vem aprender a conhecê-la»⁵)

Em 1792, a sua filha Karoline Louise von Kléncke publicou os seus *Poemas (Gedichte)*. Numa ode autobiográfica, escrita entre 1761 e 1762, quando tinha trinta anos, «O percurso de vida de Beloísa» («Belloisens Lebenslauf»), refere-se, de forma poética, mas muito realista às suas difíceis circunstâncias de vida.

A ode foi escrita num período relativamente feliz da sua fase tardia, durante o qual não tinha de se dedicar ao esforço diário de cuidar da casa e de ganhar a vida, e se podia dedicar à escrita. Embora escolha um nome idealizado — Beloísa é a versão francesa de La Belle Louise, a bela Luísa —, a vida que descreve não é, de forma alguma, idealizada. Assume, sem vergonha nem preconceito, a sua origem simples e a sua vida árdua, dividida entre os afazeres domésticos e o azedume vivido durante os dois casamentos.

No entanto, apesar de as circunstâncias lhe serem pouco favoráveis, algo veio em seu auxílio, o dom da poesia, que lhe foi ditado pelas Musas. Nela, o canto emergiu muito cedo, entre os pássaros, a luz e a harmonia da natureza.

A sua poesia segue a tradição da poesia bucólica e anacreôntica, cuja harmonia contrasta com as condições sociais e emocionais vivenciadas. A

⁴ Elisabeth Borchers, p. 285.

⁵ http://de.wikipedia.org/wiki/Anna_Louisa_Karsch.

palavra «Jugo do casamento» («Ehejoch») é utilizada na poesia alemã, pela primeira vez nesta ode. De resto, este é um dos primeiros poemas realistas que relata as más condições de vida de uma mulher, na Alemanha.

«O percurso de vida de Beloísa»

«Nasci sem petição festiva
Sem pedido sacerdotal, na freguesia
Na cabana coberta de palha, vi
A luz do primeiro dia,
Cresci, entre cordeirinhos e pombas
E cabras, até aos cinco anos,
E aprendi a acreditar num Criador,
Porque a aurora era tão amena,
Tão verde o bosque, os prados tão coloridos,
O ribeiro de tão bela prata e tão claro,
A cotovia cantava para Beloísa,
E Beloísa seguia o seu canto.
O rouxinol, nos arbustos de Elsen,
Sua doce canção elevou,
E eu logo quis igualar o seu som.
Aqui, um primo mais velho me achou
E disse: tens de vir comigo.
Fui e logo aprendi com ele
A ler e entender os livros
Que nosso espírito elevam ao céu.
Quatro verões e quatro Invernos
Passaram, voando, sobre nós;
Fui retirada aos braços do primo
Para o berço de novos irmãos.
Quando o irmão mais velho criava,
No prado, apascentava três vacas,
E, deleitada, nos meus dias de pastora,
Louvava a beleza da Natureza.
Cedo fui presa ao jugo do casamento,
Duas vezes aguentei com dureza,
E nada mais me teria animado,
Se não fosse próprio das Musas,
Na infelicidade e nas horas amargas,
Auxiliar quem suas boas graças

Recebeu, mesmo antes do nascimento.
 Deram-me ânimo e perseverança,
 E ensinaram-me poesias e canções,
 Com crianças pequenas ao colo.
 Nos deveres de mulher, rapariga e mãe,
 Em alguns desgostos, grandes e pesados,
 Cantei o Rei e as batalhas,
 Que a ele e ao seu exército de heróis
 Trouxe coroas eternamente verdes,
 E ainda tive anos amargos de opressão
 Antes que, livre de outros deveres,
 Meus dias se tornassem canção.»⁶

MARIA DO SAMEIRO BARROSO

⁶ «Ich ward geboren ohne feierliche Bitte/Des Kirchspiels ohne
 Priesterflehn/Hab ich in strohbedeckter Hütte/Das erste Tageslicht gesehen,/Wuchs
 unter Lämmerschen und Tauben/Und Ziegen bis ins fünfte Jahr,/Und lernt' an einen
 Schöpfer glauben,/Weil's Morgenroth so lieblich war,/So grün der Wald, so bunt die
 Wiesen,/So klar und silberschön der Bach./Die Lerche sang für Belloisen,/Und
 Belloise sang ihr nach./Die Nachtigal in Elsensträuchen/Erhub ihr süßes Lied, und
 ich/Wüncht' ihr im Tone schon zu gleichen./Hier fand ein alter Vetter mich/Und
 sagte: du sollst mit mir gehen./Ich ging und lernte bald bei ihm/Die Bücher lesen und
 verstehen,/Die unsern Sinn zum Himmel ziehn./Vier Sommer und vier Winter
 flogen/Zu sehr beflügelt uns vorbei;/Des Veters Arm ward ich entzogen/Zu einer
 Bruderwiege neu./Als ich den Bruder groß getragen,/Trieb ich drei Rinder auf die
 Flur,/Und pries in meinen Hirtentagen/Vergnügt die Schönheit der Natur,/Ward früh
 ins Ehejoch gespannt,/Trugs zweimal nach einander schwer,/Und hätte mich wohl
 nichts ermannet,/Wenn's nicht den Musen eigen wär,/Im Unglück und in bitterm
 Stunden/Dem beizustehn, der ihre Huld/Vor der Geburt schon hat empfunden./Sie
 gaben mir Muth und Geduld,/Und lehren mich Lieder dichten,/Mit kleinen Kinder
 auf dem Schooß./Bei Weib- und Magd- und Mutterpflichten,/Bei manchem Kummer,
 schwer und groß,/Sang ich den König und die Schlachten,/Die Ihm und seiner
 Heldenschar/Unsterblichgrüne Kränze brachten,/Und hatte noch manch saures
 Jahr,/Eh frei von andrer Pflichten Drang/Mir Tage wurden zu Gesang!» (Anna Louisa
 Karsch, in Elisabeth Borchers *Gedichte Berühmter Frauen, Von Hildegard von
 Bingen bis Ingeborg Bachmann*, pp. 58-59).

A ANTIGUIDADE NO CINEMA:
TITUS
 DE JULIE TAYMOR (1999)

